

“DEIXOU-SE DE PRODUZIR PENSAMENTO CULTURAL”

Albano Cardoso apresenta “Ixi/City”, a sua Luanda carregada de emoções e expressões. Até 2 de Março, na Mov’Art Gallery, estão obras do artista plástico.

Texto **Mandele Mendes**
fotos **Njoi Fontes**





ual é a sua relação com Luanda?

É de sentimento, é emocional. Nasci aqui, fui à escola aqui. É um lugar de partida e de chegada. Estive 16 anos fora e depois disso, a abordagem tornou-se mais global.

'Ixi' é ligação emocional e 'City' é estrutura de conhecimento?

Sou kimbundo, sou de Luanda e apesar de não falar a língua tenho uma curiosidade imensa. Já o inglês tornou-se uma língua profissional, fui professor de língua inglesa, vivi nos Estados Unidos, lá estudei, trabalhei e tornou-se também uma língua de sentimento de emoção. São duas fronteiras que ainda existem em mim. Língua é cultura, língua é sentimento. Essa relação com o espaço onde vivo e vivi no passado quando estive fora, é emocional.

Tem sido uma relação pacífica?

Aprendi a diferenciar espaços geográficos e pessoas. Não basta nascer em Luanda ou em Angola para ser um bom cidadão, é um processo de aprendizagem de consciência. Acho que como todos os amores, tem facetas de paz e de conflito. A minha relação com a cidade, nesta fase, é mais de perplexidade pelo facto das pessoas não poderem intervir no que deveria ser um pensamento partilhado sobre os problemas da cidade, os desejos da cidade, o que é que a cidade quer? O que é que as pessoas querem? Há uma dificuldade em exprimir sentimentos, por exemplo não se vê pessoas de mãos dadas nem aos beijos em Luanda, não se vê... Os casais quando estão dentro dos carros não se beijam, não se abraçam, não conversam... Vejo tudo isto com uma relação com a cidade, com aquilo que é nosso, esta Luanda que não discrimina que recebe todos e precisa que se saiba gostar.

As suas obras trazem esse apelo de manifestar sentimento?

É mais o chamar à conversa. Por vezes as pessoas reagem mal ao conselho, hoje em dia, estamos numa fase em que se o conse-

lho não te encaixa ou se revela alguma das tuas incapacidades, é visto como insulto.

Conselho ou crítica?

Conselho. Tenho 50 anos sou pai, avô já... É um conselho sobre esta cidade. É uma cidade em que penso há muitos anos, ando a pé e de transportes públicos, estou atento. A minha fotografia foi feita depois de 16 anos fora, como escrevo, editei poesia, mas não podia contar todas as coisas que eram novas e que estavam a acontecer na cidade e decidi começar a fotografar. Começou tudo dentro de um apartamento na marginal, na altura, 2006 a 2009, o porto na marginal de Luanda, era o centro do país. Visto de cima dá a impressão que fazem parte do mesmo mundo, mas não fazem. Estão só coincidentemente a cruzar-se num espaço comum e sob um interesse comum, estas fotografias têm essa perspectiva, são roubadas ao contexto real, não há pose, não há pôr-do-sol, não há pássaros...

Não há lugares comuns...

É perceber o que os outros fazem e como fazem. Criar um conhecimento ao redor disso para perceber o país real. Por norma não fotografo a criança com ranho no nariz ou com a dor espelhada no seu semblante, não preciso disso. Eu também já fui criança angolana, vítima da guerra. Quero falar das coisas de forma mais didáctica, sem conflito, é uma conversa. É uma maneira diferente de chamar o problema, sem o conflito.

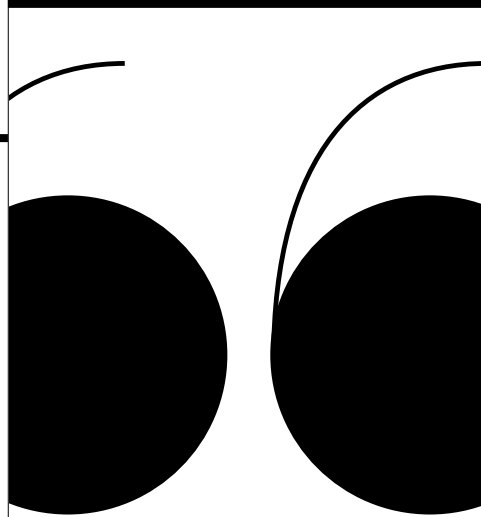
Quer estabelecer diálogo, mas afasta o conflito, isso é atraente?

É necessário ver as coisas pró-solução. Fazer o papel de polícia, só ver o que está mal é fácil, é simples e justo, mas não é aí que pára. Quando se quer uma solução a primeira coisa que se tem de conseguir é que as partes estejam de acordo com o que consideram ser conversa. Não estou interessado em ver só tudo o que está mal,

isso eu vejo sem esforço nenhum, quero esforçar-me, quero arrelhar-me com a solução.

Fotografa ou pinta para criar esse espaço de diálogo?

Exactamente. Quem escreve, antes de mais, quer conversar e às vezes é difícil convidar à dança porque é uma dança noutra passo. As artes, assim como o desporto são áreas que nesta sociedade tão jovem, os exemplos de superação, inovação deviam ser referência para a sociedade inteira. Estou em condição de dizer que apesar de 12 títulos angolanos, as pessoas em Luanda não sabem falar sobre andebol, não sabem as regras... Nos jornais não há crítica, anunciam o que aconteceu e não o que vai acontecer. Falamos do rei do semba e depois ninguém sabe o que é o semba e todo o mundo chama a nossa música. É nossa de facto, mas já é altura das pessoas saberem um bocado mais. Já que pagas, compras, amas... Quando se ama conhece-se.



Há um populismo exacerbado, um discurso inteligente que sustenta a independência



E quando se diz "nossa cultura"...

É uma afirmação política, patriota dizer que é nosso e está certo que os governantes falem assim. Neste país não há outras fontes de formação e de pensamento. Há uma ansiedade cultural, é um país novo, as pessoas têm o direito de se sentirem orgulhosas e felizes com o seu país. E apanham tudo e é "nosso" isso é bom, mas é preciso que também oiçam o que produzem de pensamento à volta disso. Desde o século 17, somos bastante ocidentais e europeus. Os sinais religiosos que se encontram na cultura tradicional angolana são evidentes, mas não é para refutarmos ou contestarmos isso, é para compreendermos quem somos.

As pessoas foram obrigadas a usar o mesmo código de linguagem, não há ódio, mas também não é totalmente aceite...

Não sei se é assim, não há uma recusa. Há um populismo exacerbado, há um discurso inteligente, profundo e fundamental que sustenta a independência de Angola, mas depois, por razões várias, não se deu continuidade, deixou-se de produzir pensamento cultural. De repente, os artistas plásticos recorrem aos símbolos, só vêm a escultura tradicional, reproduzem na tela e depois temos um público a quem é dito: isto é que é nosso, esta é a nossa cultura. E se não pintarem aquilo, não são artistas plásticos. Nosso é só aquilo que fazemos... As pessoas no geral têm que entender a linguagem, nosso é aquilo em o que tu participas e fazes. Há que perceber que esses itens, valores e pensamento cultural são criados e vividos, não aparecem do nada. Não tem que ser sempre as máscaras. A cultura dá essa liberdade de que tudo o que o cidadão faz é angolano, embora o artista, acho, não deva ter nacionalidade, gostamos do nosso país, da nossa cidade, mas não vamos desgostar das cidades, outros países porque isso dá-nos uma amplitude humana.

As pessoas não procuram o "nosso"?

As pessoas andam de Mercedes e têm Rolex, não falam do nosso, não percebem bem o que é que isso. Um só povo, uma só nação, tenhamos consciência que temos dezenas de culturas diferentes e que queremos estar juntos e disfrutar da diferença. Gosto quando as pessoas chegam e dizem: isso também eu faço. Eu quero que ela pense que sim, para que se sinta próxima, familiar, tente... Fala-se em criatividade na economia, mas as pessoas mais criativas no mundo são os artistas. É necessário que toda a sociedade se aproxime e veja como é que nesta cidade onde não há tintas, pincéis, os artistas estão a produzir obras. Isso é criatividade.

Há uma certa ansiedade em tudo isto?

A ansiedade é o que nos move. É importante que as pessoas percebam que cultura começa na família. Os velhos já pensaram, os miúdos não dão nada, mas eles é que vão determinar? Não, não é assim... Há uma apropriação, um mal entender, falta de criatividade na inteligência... As pessoas têm grandes expectativas em relação aos políticos, é aquela referência do supremo. Se recuarmos, todos nós viemos do mato em determinada altura.

E aí a referência maior aí, é o soba. Há uma obra minha que vai estar exposta que tem uma frase que diz em inglês: Respect your elders, be creative. **V**